



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LETRAS E ARTES DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JANAINA BARBOSA DE MELO SANTOS

DESCOLONIZANDO MENTES, INSUBORDINANDO CORPOS: A LITERATURA
COMO ESTRATÉGIA DE COMBATE AO RACISMO.

João Pessoa/PB

JANAINA BARBOSA DE MELO SANTOS

Descolonizando mentes, insubordinando corpos: a literatura como estratégia de combate ao racismo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação dos Cursos de Graduação Presenciais de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Campus I) para obtenção do grau de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa sob a orientação da Professora Dr^a Amanda Ramalho de Freitas Brito.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito (DLCV/CCHLA/UFPB)
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Franciane Conceição da Silva
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Leyla Brito
Examinadora

João Pessoa/PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237d Santos, Janaina Barbosa de Melo.

Descolonizando mentes, insubordinando corpos: a literatura como estratégia de combate ao racismo. / Janaina Barbosa de Melo Santos. - João Pessoa, 2024. 32 f.

Orientadora : Amanda Ramalho de Freitas Brito.
TCC (Graduação) – Universidade Federal da Paraíba / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, 2024 .

1. Racismo. 2. Literatura. 3. Mentes e corpos. 4. Metamorfose. I. Santos, Janaina Barbosa de Melo. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82 (81:6)

"A partir do momento que você, mulher, assumir o seu black, você está construindo sua identidade e a de outras mulheres."

-Nátaly Neri - Influenciadora Digital-

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus,

Ao meu esposo, que sempre esteve do meu lado, incentivando-me nos momentos em que mais precisei.

Aos meus filhos que amo incondicionalmente: Mayara Dássia, Daniel Darís e Micael Daris.

À minha mãe adotiva, Esmeralda Barbosa, que mesmo antes que eu nascesse já me amava e me escolheu como filha sem se importar com o meu sexo, etnia ou paternidade, apenas me amou e sei que me ama.

Aos meus colegas, por todo carinho e pelos laços de amizade que fizemos ao longo dessa jornada acadêmica, em especial: Adsson, Ana Cristina, Rodrigo, Ruthe, Flávio e Pâmela.

À minha orientadora, a professora Amanda pela dedicação e por ter aceitado o convite em me orientar nesse tarabalho de conclusão de curso. Muito grata.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso surge de uma inquietação após realizar a leitura dos contos, “*METAMORFOSE*” da autora Geni Guimarães, como também “*METAMORFOSE*” da autora Cristiane Sobral, onde pude perceber o quanto seria importante o uso das literaturas como ferramenta estratégica no processo de combate ao racismo, analisando a **descolonização de mentes e insubordinação de corpos**, através dos mesmos. Os contos tratam de processos metamórficos diferentes. De modo que há ao mesmo tempo uma pluralidade, como também uma singularidade na qual podemos analisar a narrativa hegemônica, o apagamento das raízes que foram mecanismos utilizados para promover à violência racial que acomete a nossa sociedade. A literatura tem o poder de despertar o senso crítico, do leitor, fazendo o enxergar os problemas do ambiente no qual está inserido e interferir neste ambiente no qual está sua volta, minimizando os efeitos nocivos ocasionados pelo racismo, e com isso descolonizar mentes e corpos. Diante disso, o objetivo principal foi o de analisar os contos: *Metamorfoses*, de Geni e de Sobral e o processo descolonizador e de insubordinação dos personagens presentes no texto. O estudo está organizado em dois capítulos: o que segue esta introdução, que tem como título: A Literatura como Estratégia de Combate ao Racismo e o segundo tem como título: Afirmação Positiva, Resistência e Representação dos Olhares Negros e para realização deste estudo, foi utilizado o tipo de pesquisa bibliográfica, das seguintes obras: *Olhares Negros*, *Memórias da Plantação*, *Literatura Negra*, *Pele Negra*, *Máscaras Brancas* e *Metamorfoses no projeto de Antonio da Costa Ciampa*.

Palavras-chave: Racismo, Literatura, Mentes, Corpos e Metamorfose.

SUMMARY

This Course Completion Work arises from a concern after reading the short stories, “*METAMORPHOSE*” by the author Geni Guimarães, as well as “*METAMORPHOSE*” by the author Cristiane Sobral, where I could see how important the use of literature as a strategic tool would be. In the process of combating racism, analyzing the decolonization of minds and insubordination of bodies, through them. The stories deal with different metamorphic processes. So that there is at the same time a plurality, as well as a singularity in which we can analyze the hegemonic narrative, the erasure of the roots that were mechanisms used to promote the racial violence that affects our society. Literature has the power to awaken the reader's critical sense, making them see the problems of the environment in which they are inserted and interfere in this environment in which they are surrounded, minimizing the harmful effects caused by racism, and thereby decolonizing minds and bodies . Given this, the main objective was to analyze the short stories: *Metamorfoses*, by Geni and Sobral and the decolonizing process and insubordination of the characters present in the text. The study is organized into two chapters: the one that follows this introduction, which has the title: Literature as a Strategy to Combat Racism and the second has the title: Positive Affirmation, Resistance and Representation of Black Gazes and to carry out this study, it was the type of bibliographical research was used, of the following works: *Olhares Negros*, *Memórias da Plantação*, *Literatura Negra*, *Pele Negra*, *Máscaras Brancas* and *Metamorfoses in the project* by Antonio da Costa Ciampa.

Keywords: Racism, Literature, Minds, Bodies and Metamorphosis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A LITERATURA COMO ESTRATEGIA DE COMBATE AO RACISMO.....	11
1.1 VIOLÊNCIA DE MIM PARA MIM MESMA: AS METAMORFOSES.....	11
1.2 DESCOLONIZANDO MENTES: UMA EPISTEME CRÍTICA.....	15
1.3 INSUBORDINANDO CORPOS.....	18
2. AFIRMAÇÃO POSITIVA, RESISTÊNCIA E REPRESENTAÇÃO DOS OLHARES NEGROS.	21
2.1 A METAMORFOSE COMO AFIRMAÇÃO CRÍTICA DA NEGRITUDE.....	21
2.2 REPRESENTATIVIDADES NEGRAS NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO:

Ao ler o conto “METAMORFOSE” da autora Geni Guimarães, como também “METAMORFOSE” da autora Cristiane Sobral, pude perceber o quanto seria importante o uso das literaturas como ferramenta estratégica no processo de **descolonização de mentes e insubordinação de corpos**. Os contos tratam de processos metamórficos diferentes, porém, com um discurso que luta e resiste contra o discurso hegemônico do apagamento das raízes identitárias, que foram mecanismos utilizados para promover à violência racial que acomete a nossa sociedade até os dias atuais. Conceição Evaristo (2009), professora, escritora e poeta, sobre a importância da representatividade literária afro, afirma:

Ao se falar da escrita de mulheres negras, necessário se faz voltar ao final da década de 60 para retornar à imagem da escritora Carolina Maria de Jesus. Várias discussões surgiram em torno da escrita de Carolina Maria de Jesus, marcada por sua condição de mulher negra, favelada e de pouca instrução escolar. [...] a escrita de Carolina Maria é o desejo de escrever vivido por uma mulher negra e favelada. O desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável. (Evaristo, 2009, p.28).

Quando uma mulher negra, pega uma folha em branco, ela obterá um texto repleto de significados, vivenciados por um grupo silenciado durante anos, e como afirma Conceição Evaristo (2017) “as histórias são inventadas, mesmos as reais, quando são contadas”, podemos observar o termo colocado também pela autora como “escrevivência”, a partir do qual a história conta parte de um coletivo.

A literatura tem o poder de despertar o senso crítico, do leitor, fazendo-o enxergar os problemas do ambiente no qual está inserido e interferir neste ambiente que o envolve, minimizando os efeitos nocivos ocasionados pelo racismo, que o impede de avançar e haver o processo de descolonização das mentes, que foi imposto pelo colonialismo¹, e que infelizmente ainda continua enraizada nas mentes dos sujeitos sociais. Nesse sentido, o processo descolonizador² é algo extremamente necessário para os sujeitos sociais que ainda não conseguiram se libertar.

Há alguns séculos, o povo europeu penetrou no território Brasileiro, trazendo o processo de colonização dos povos de origem africana e indígenas, que eram os naturais

¹ É um processo de persistência das deformações sociais provenientes de uma abordagem que enxerga as ex-colônias ainda pelo crivo moderno da hegemonia cultural e política europeia dada pelo período da colonização. Ver: *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina* (Aníbal Quijón, 2005) e *Decolonialismo indígena* (Alvaro Gonzaga, 2022).

² Autonomia crítica do poder político social dominante e centrado na colonialidade.

da terra. Porém, o objetivo principal, não é falar dos povos indígenas e sim dos povos africanos, os quais foram trazidos como escravos em porões de navios, retirados de sua pátria sem ao menos serem consultados se queriam ou não estar em uma pátria desconhecida, eu diria até que essa foi à primeira ação violenta ocorrida com esses povos. Nessas terras estrangeiras os africanos não podiam usufruir de seus costumes, tendo desse modo, seus corpos subordinados, violentados, seja por violência física, emocional, cultural ou religiosa e também, proveniente das políticas desse sistema, o apagamento de sua cultura, de sua ancestralidade e religiosidade.

O processo colonizador que houve aqui no Brasil, por volta do século XVI, trouxe consequências que ainda perpetuam nos dias atuais, como por exemplo, existencia de uma forte estruturação colonial das mentes em todas as instancias sociais que ainda permaneceram colonizadas e corpos que ainda continuam subordinados. Foi refletindo sobre essa problemática existente ainda no nosso país e que envolve a população negra que surgiu a motivação para desenvolver esse trabalho. Diante do que foi exposto é importante ressaltar que o estudo tem como objetivo principal analisar, o modo pelo qual podemos utilizar a literatura como ferramenta de combate ao racismo, partindo da seguinte hipótese: “Os estudos literários exercem um papel fundamental na luta antirracista”.

A importância desse trabalho centra-se no desejo em levar a sociedade a refletir sobre o valor da literatura, como meio de combate ao racismo institucional e social, e de reconhecê-la como meio referencial de estimulação do sentimento de pertencimento por parte dos envolvidos nas práticas literárias dos sujeitos afros e também dos indivíduos sociais, que fazem ou já fizeram parte do quadro de discentes da UFPB.

Este trabalho é importante para a sociedade pelo fato de poder contribuir para o reconhecimento da importância literária como arte e como símbolo de resistência do povo afro a toda prática violenta ocasionada pelo racismo.

Para o curso de Licenciatura em Letras, língua portuguesa, a importância desse trabalho está relacionada ao fato de poder trazer o entendimento adequado sobre a importância das políticas antirracistas e do trabalho literário, como ferramenta importante desse desfecho.

O estudo está organizado em dois capítulos: o que segue esta introdução, que tem como título: A Literatura como Estratégia de Combate ao Racismo e o segundo tem como título: Afirmção Positiva, Resistência e Representação dos Olhares Negros.

De acordo com a natureza da pesquisa, está classificada como pesquisa qualitativa, pois, segundo Triviños (1987, p.132), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados

buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto.

2. A LITERATURA COMO ESTRATEGIA DE COMBATE AO RACISMO

1.1. VIOLÊNCIA DE MIM PARA MIM MESMA: AS METAMORFOSES.

Ao ler “Metamorfose” de Geni Guimarães, pude perceber e no conto, a representação principal da descolonização das mentes e insubordinação dos corpos, utilizando como ferramenta a personagem, que é como um ser humano com suas angústias, medos e superações. No primeiro momento surge demonstrando sua inquietude e ao mesmo tempo seu imenso desejo em poder conseguir apresentar o poema, no qual a personagem do conto havia composto em homenagem a Princesa Isabel:

Devia ser dia 10 ou 11 do mês de maio”. A dona Cacilda, logo após o recreio, disse-nos: - No dia 13 agora, vamos fazer uma festinha pra Princesa Isabel, que libertou os escravos. Quem quer recitar? Várias crianças gritaram: - Eu! Eu! Eu! Luft, Luft!... Meu coração lá foi de novo pulsar na garganta. Era a hora e a vez de expor meu poema. Não podia perder a chance. Mas como conseguir coragem? E se errasse? - Assim não dá – gritou a professora. – Levantem a mão. Levantei a minha, que timidamente Luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas. - Você... Você... Você... Não fui escolhida. Tanto não é possível, explicou-nos ela. Mas eu não podia perder a oportunidade. Corri atrás dela, sôfrega: - Dona Cacilda, eu tenho aquela que eu fiz outro dia, que eu mostrei pra senhora e a senhora chamou o diretor e ele falou parabéns e eu a deixo maior... Falei tudo sem respirar. Sem piscar. Medo de não convencer, de apertar os olhos e as lágrimas escaparem do controle da emoção. Saturei. - Está bem. Amanhã você traz a poesia e a gente ensaia. Acariciou meu rosto e riu “chocham ente. (Guimarães, 1998, p. 61)

Para uma criança negra, obter essa oportunidade era um grande desafio, como também, conseguir decorar o poema e poder apresentá-lo no evento que aconteceria brevemente na escola, na qual, estudava sem esquecer nenhum verso para não fazer feio na frente de colegas e professores e poder prestar homenagem à Princesa Isabel, pelo fato dela ter sido a responsável pela libertação dos escravos, ao seu entendimento de mundo, na sua percepção infantil e inocente de criança, A menina, ainda não conseguia perceber as ações racistas que a rodeavam. No dia da apresentação, estava insegura; ficou em dúvida se era correto ter insistido para apresentar seu poema, mas tinha gratidão pela Princesa Isabel. Quantas vezes na inocência de criança, por não entendermos as questões históricas,

acabávamos elegendo a princesa Isabel por ser responsável pela libertação dos escravizados. Somente quando me tornei adulta, foi que entendi que ela não foi a responsável por esse feito. Na escolha sobre a leitura do poema, podemos perceber que apenas as mãozinhas de cor branca foram às escolhidas pela professora.

No momento em que a professora discursava, a respeito da violência ocorrida no Brasil, durante o processo de escravidão, no qual os escravizados sofriam com a violência que era acometida pelos colonizadores, a criança percebe que o relato da professora é totalmente diferente do que a vó Rosário costumava narrar:

Aqueles escravos da Vó Rosária eram bons, simples, humanos, religiosos. Esses apresentados então eram bobos, covardes, imbecis. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa dali representando uma raça digna de compaixão, desprezo. Quis sumir, evaporar, não pude. Apenas pude levantar a mão suada e trêmula, pedir para ir ao banheiro. Sentada no vaso, estiquei o dedo indicador e no ar escrevi: insuportável. Era pouco. Acrescentei: morfético. Acentuei o e do f e voltei para a classe. No recreio, a Sueli veio presentear-me com uma maçã e a Raquel, filha do administrador da fazenda, ofereceu-se para trocar o meu lanche de abobrinha abafada pelo dela, de presunto e moçare-la. Não os comi, é claro. A compensação desvalia. Não era como o leite que, derramado, passa-se um pano sobre e pronto. Era sangue. Quem poderia devolvê-lo... Vida? (Guimarães, 2001, p.58)

No momento em que a menina Geni acrescenta a palavra, “morfético” nas palavras que escrevia no ar, estava no banheiro, tomada por um sentimento de auto-ódio, algo bem comum em nossa sociedade, que é o ódio a si mesmo e ocorre num momento doloroso carregado de emoção e sentimentos de vergonha, raiva ou constrangimento. A palavra faz lembrar o termo epidermização do “complexo de inferioridade negro”, desenvolvido por Fanon (2008, p.44). Para Fanon há um duplo processo que leva ao complexo de inferioridade do negro: o econômico, e a interiorização/epidermização da inferioridade. Já, no comentário da menina Geni sobre o sangue que não pode ser compensado, me lembra dum trecho de Fanon no qual fala da passagem do sujeito a objeto do discurso colonial, “e me fiz objeto,” e me fiz objeto, o que mais seria isso senão uma extração, uma hemorragia, que fazia sangue negro coagular (Fanon 2008, p.106)?

Através dessa explanação da vida dos escravos na qual é contada em sala de aula, pela professora, a menina começa a se envergonhar, pois, essa parte do sofrimento do povo afro não lhe era conhecida e diante disso, entende que faz parte de uma raça que é vista como inferior, tenta “limpar” o tom negro de sua pele,

A ideia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo. Assim que terminou a arrumação, ela

voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele (Guimarães, 2001, p.60).

Nesse momento, há uma divergência entre a memória negra vinda de sua origem, ou seja, vinda do próprio negro e a história do negro contada a partir do ponto de vista do branco. É no contato com o discurso do branco que o sujeito negro é capturado pela racialização, pois, o discurso a atravessa e fere a imagem que tem de seu corpo e diante desse sentimento de angústia, a menina Geni começa a cometer violência contra si mesma. Fanon (2008, p.34), em *Pele Negra Máscaras Brancas*, fala da linguagem como um deus da carne, enaltecendo o seu poder. Como exemplo disso, observamos que o discurso que foi escutado durante a vida inteira pela menina Geni no seio familiar jamais foi capaz de oprimi-la e causar tanto mau, quanto o discurso que ouviu de sua professora.

Já com o conto “Metamorfose”, de Cristiane Sobral, onde logo no primeiro capítulo a obra apresenta a personagem Socorro como uma mulher que vivia aos moldes da padronização branca a fim de ter maior aceitação na sociedade.

“Socorro se apresenta no texto como uma mulher negra de pele clara, a partir da qual aceitou de bom grado ser morena ou parda.” (Sobral, 2016, p.89). E também era religiosa, acreditando fervorosamente que Deus poderia lhe conceder a “dádiva” de casar-se com um homem branco. Seus cabelos eram crespos e chamados socialmente como “Bombril”. Isso reflete, de acordo com Kilomba (2019), a socialização objetificada e pública do cabelo no racismo, inscrito cotidianamente pela posição da branquitude.

Socorro era um exemplo de cidadã em busca de evolução. Porém, nessa evolução está inserida uma autonegação de tudo aquilo que se referisse à raça negra. Pretendia conquistar o seu lugar, na sombra, por favor. De modo que não revelasse a sua identidade negra. Comia pouco, evitava rodas de samba, cerimônias religiosas afro-brasileiras, jamais se vestia de branco ou de vermelho. Falava baixo, gesticulava com moderação e preferia ser discreta. Ao sorrir espontaneamente, mesmo entre amigos, evitava mostrar com exagero a sua arcada dentária. Tinha tudo a ver com o seu sonho de deixar de ser uma mancha negra perante a sociedade e tornar-se elegante, transparente e invisível, é “claro” (Sobral, 2016, p.90). Quando Socorro agia dessa forma, estava controlando o seu corpo negro, o amordaçando, como se estivesse colocando uma máscara que o impedisse de falar, de sambar, desse modo de mostrar sua verdadeira identidade.

Arrumava-se sempre de forma discreta e sutil para ir a festas: No rosto, usava uma base líquida dois tons mais clara que a sua pele, sombra escura bem aplicada nos cantos do

nariz para que parecesse afilado e um batom clarinho para disfarçar os lábios grossos. Suas pernas viviam diariamente aprisionadas sob uma implacável da meia-calça branca. (Sobral, 2016, p. 90)

Certo dia, no trajeto a uma festa, Socorro é bloqueada no trânsito por um motorista de ônibus, “[...] um homem negro, desses muito apressados, nunca sobreviveu ao teste de boa aparência, cheio de sono pela jornada e trabalho combinada com a faculdade à noite.” (Sobral, 2016, p. 91). Um homem negro chamado Jorge, que surge nesse momento na narrativa do texto, com aparência e tom da pele também inferior representado pelos padrões brancos.

Socorro decide descer do seu automóvel para tirar satisfação com Jorge por ele ter causado o acidente no trânsito. Nesse instante, a voz narrativa do texto dá sinais de que Socorro (ré) nasce a partir do momento em que se vê confrontada com a realidade de Jorge: “[...] Pois, essa situação provoca Socorro e Socorro enxerga a sua própria realidade. Tudo bem que não conseguiu definir quase nada a princípio, mas estava nascendo...” (Sobral, 2016, p. 91).

O motorista enfurecido exprime a seguinte frase: “– Fala negrona! Fez à progressiva né? Cuidado com essa escova progressiva, isso é a maior regressão na vida de um ser humano!” (Sobral, 2016, p.92). Utilizar produtos químicos para ele era símbolo de embranquecimento e a forma como ele se expressou deixou a protagonista, Socorro, muito provocada, não apenas pela frase, mas, por ele ser um homem negro. Nesse desfecho, Socorro consegue se identificar com Jorge e começa a perceber que ambos têm a negritude em comum e no meio da discussão ocorre uma instantânea reconciliação com seu eu negro, tira da bolsa uma tesoura pequena e começa a cortar o cabelo. Quanto mais cortava, mais liberta e consciente se tornava. Para o espanto geral, pela primeira vez parecia uma mulher normal, completamente negra e linda. Suas pernas foram finalmente descobertas pela meia-calça rasgada e o rosto não apresentava mais vestígios da maquiagem, desfeita pela força das águas. (Sobral, 2016, p. 92). Sobre a política do cabelo, Kilomba (2019) nos diz que:

Negras e negros foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da *negritude*. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os da diáspora. Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. (Kilomba, 2019, p. 127).

A metamorfose realizada pela personagem é marcada por essa presentificação de uma consciência corporal, como ponto de partida para uma elaboração mais política que surge a partir da rede de encontro que sedimenta o desejo de autorreconhecimento em contradiscurso à subordinação imposta pela branquitude.

Os textos mobilizam as questões da autonegação e do conflito de imagem causados pela opressão dos brancos em relação à população negra, de modo que essa violência engendrou a dificuldade de construir um sentimento de pertencimento.

As “Metamorfoses” pontuam a tensão entre a subjetividade negra e as violências engendradas pela branquitude, com a diferença dessas violências estarem marcadas por ângulos específicos: a escola (instituição) e a construção social da imagem. No conto de Geni Guimarães, a criança sabe da outra versão da história da escravidão por uma pessoa branca e não por uma pessoa negra, como já estava acostumada. Desse modo, ela acabou dando lugar para o medo no qual estava enraizado em sua memória de menina, como uma característica geracional da raça negra:

Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feitos cães. . . Justo era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os Dom Pedro da Historia. Lógico. Eles lutavam, defendiam-se e ao seu país. Os idiotas dos negros, nada. Por isso que meu pai tinha medo do seu Godoi, o administrador, e minha mãe nos ensinava a não brigar com o Flavio. Negro era tudo mole mesmo. Até meu pai, minha mãe ... Por isso e que eu tinha medo de tudo. O filho puxa o pai, que puxa o avo, que puxou o pai dele, que puxou ... (Guimarães, 2001, p.59).

“*Metamorfose*” escrita por Sobral mostra essa violência imposta em relações estéticas para com os sujeitos negros com uso de padrões que regulam e apagam identidades:

“Comia pouco para não engordar e ressaltar as nádegas e coxas protuberantes e evitava rodas de samba e cerimoniais religiosas afro-brasileiras” (Sobral, 2016, p. 03).

1.2 DESCOLONIZANDO MENTES: UMA EPISTEME CRÍTICA

De acordo com Fanon, na obra “*Pele Negra, Mascaras Brancas*” (2008), as estruturas sociais coloniais são incorporadas na subjetividade do colonizado, de modo que

compreende o racismo como um elemento cultural e, sendo assim, uma consequência direta é a destruição dos valores culturais do grupo colonizado, no qual esse grupo tende a se tornar inferiorizado e para que houvesse uma mudança, teria que também, haver uma transformação das estruturas da sociedade de um modo geral. Diante disto é importante ressaltar que uma das principais características de uma sociedade pós-colonial é o racismo que divide a humanidade entre superiores e inferiores. E nessa divisão, o colonizado, por sua vez, passa a habitar “uma zona-de-não-ser, na qual, o ser é branco; e o não-ser é negro, é o indígena e todo aquele em que a chaga da desumanização o alcançou.” (FANON, 2008, p. 26).

O negro é uma construção da modernização. Nessa construção, imperialista e hegemônica, Fanon esclarece o significado de negro imposto pelo colonizador e para fazer isso ele parte da realidade antilhana, onde ela é colonial em sua época, singularizando todos aqueles que foram racializados. Nesse contexto, a ideia de raça acaba se tornando uma estrutura imaginária que organiza a situação subjetiva:

De todos os lados, sou assediado por dezenas e centenas de páginas que tentam impor-se a mim. Entretanto, uma só linha seria suficiente. Uma única resposta a dar e o problema do negro seria destituído de sua importância. Que quer o homem? Que quer o homem negro? Mesmo expondo-me ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem. Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos (Fanon 2008- Pg. 26).

O racismo impõe às pessoas negras que busquem máscaras brancas, como meios de humanização. De acordo com Fanon, nessa relação cotidiana, opressora, violenta e sistemática, as pessoas brancas também estão desumanizadas:

A civilização branca, a cultura europeia, impôs ao negro um desvio existencial. Mostraremos, em outra parte, que aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco. O negro “evoluído”, escravo do mito negro, espontâneo, cósmico, a um dado momento sente que sua raça não o compreende mais. Ou que ele não a compreende mais. (Fanon 2008, p. 30)

A questão da linguagem e da língua imposta ao negro colonizado, dito e feito pelo dizer racista branco, segundo afirma Franz Fanon , prepara a tomada do discurso e do dizer pelo negro.

“Em um grupo de jovens antilhanos, aquele que se exprime bem, que possui o domínio da língua, é muito temido; é preciso tomar cuidado com ele, é um quase

branco. Na França se diz: falar como um livro. Na Martinica: falar como um branco.” (FANON, 2008, p. 36)

Diante do que foi exposto, é importante afirmar que, quando os negros usavam roupas europeias, adotando estilos usados pelos europeus, era uma forma de subalternização. Agiam dessa forma, para poder se igualar ao europeu. Porém, de acordo com Fanon:

Conhecemos no passado, e, infelizmente, conhecemos ainda hoje, amigos originários do Daomé ou do Congo que declaram ser antilhanos. Conhecemos no passado e ainda hoje antilhanos que se envergonham quando são confundidos com senegaleses. É que o antilhano é mais “evoluído” do que o negro da África: entenda-se que ele está mais próximo do branco; e esta diferença existe não apenas nas ruas e nas avenidas, mas também na administração e no Exército. Qualquer antilhano que tenha feito o serviço militar em um regimento de infantaria colonial conhece essa atormentante situação: de um lado, os europeus, os velhos colonos brancos e os nativos; do outro, os infantes africanos. Lembro-me de certo dia, quando, em plena ação, o problema era destruir um ninho de metralhadoras inimigo. Por três vezes os senegaleses foram enviados, e três vezes rechaçados. Então um deles perguntou por que os tubas* não iam. É nesses momentos que o antilhano não sabe ao certo se é toubab ou indígena, mas não considera a situação preocupante, pelo contrário, a considera normal. Só faltava essa, sermos confundidos com os pretos! Os antilhanos desprezam a infantaria senegalesa e reinam sobre a negrada como senhores incontestável. (Fanon, 2008, p. 40) .

Diante disto, é importante ressaltar que as relações de poder na Modernidade compreende o racismo como um elemento cultural e a consequência direta é a destruição dos valores culturais do grupo inferiorizado. Pois:

Sim, do negro exige-se que seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente. Levá-lo a falar *petit-nègre* é aprisioná-lo a uma imagem, embebê-lo, vítima eterna de uma essência, de um aparecer pelo qual ele não é responsável. E naturalmente, do mesmo modo que um judeu que gasta dinheiro sem contá-lo é suspeito, o negro que cita Montesquieu deve ser vigiado. Que nos compreendam: vigiado, na medida em que com ele começa algo. Claro, não penso que o estudante negro seja suspeito diante de seus colegas ou de seus professores. Mas fora do meio universitário, subsiste um exército de imbecis: o importante não é educá-los, mas levar o negro a não ser mais escravo de seus arquétipos.” (Fanon 2008, p. 47).

O *petiti-nègre* sutilmente, ou nem tanto, vê o negro, o colonizado, ou o indivíduo racializado, como alguém incapaz de atingir a maioria no sentido kantiano do termo. Isto é, incapaz de julgar ética e moralmente suas ações. No tocante que a inferiorização é um dos efeitos psíquicos do colonialismo mais trabalhados na obra, fazendo com que o leitor possa entender que o negro é inferiorizado, tendo o branco como referência.

Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. O antilhano que quer ser branco o será tanto mais na medida em que tiver assumido o instrumento cultural que é a linguagem. “Lembro-me, há pouco mais de um ano, em Lyon, após uma conferência onde eu havia traçado um paralelo entre a poesia negra e a poesia europeia, de um amigo francês me dizendo calorosamente: No fundo você é um branco”. O fato de ter estudado um problema tão interessante através da língua do branco me atribuía o direito de cidadania. (Fanon, 2008, p.50).

A violência ocasionada pelo embranquecimento é fruto de discursos racistas que destroem a autoestima de homens e mulheres negras em nossa sociedade e a linguagem tem um grande poder

Agora que o conduzimos ao porto, deixemo-lo navegar, nós o reencontraremos um dia desses. No momento, vamos ao encontro de um outro, que acaba de chegar. O recém-chegado, desde seu primeiro contato, se impõe. Só responde em francês e frequentemente não compreende mais o crioulo. Sobre isso, o folclore local nos fornece uma ilustração. Depois de alguns meses na França, um camponês retorna à casa paterna. Percebendo um arado, pergunta ao pai, velho campônio esperto: “Como se chama este engenho”? Como única resposta, seu pai atira-o sobre ele, e a amnésia desaparece. Curiosa terapêutica... (Fanon 2008, pág. 38 e 39).

A máscara esbranquiçada de sobrancelhas e bigodes pretos dona de uma expressão provocativa e talvez até debochada, foi adotada pelo mundo como um símbolo de lutas populares, normalmente contra um governo corrupto ou tirano.

Fanon (2008) faz uma convocatória aos leitores negros e brancos para que estes questionem suas existências, as quais têm séculos de incompreensão e lacunas. O autor defende que no racismo colonial, há o desdobramento dos diversos racismos e da inferiorização do homem negro: “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado.” (Fanon, 2008, p. 90). Por isso, descolonizar mentes esmaga os saberes e crenças não ocidentais, conforme pontua Heleine de Souza (2020).

1.3 INSUBORDINANDO CORPOS

Havia uma máscara que a autora cita, como se durante muito tempo achasse que era apenas algo subjetivo, porém ao passar do tempo percebe que era algo real e traumático, de acordo com, Kilomba (2019, p.33):

Há uma máscara da qual eu ouvi falar muitas vezes durante minha infância. A máscara que Anastácia era obrigada a usar. Os vários relatos e descrições minuciosas pareciam me advertir que aqueles não eram meramente fatos do passado, mas memórias vivas enterradas em nossa psique, prontas para serem contadas. Hoje quero reconta-las. Quero falar sobre a máscara do silenciamento. Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “Outras/os” : Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?”(Kilomba, 2019, p.33).

Essa máscara simboliza não apenas o colonialismo, ocorrido aqui no Brasil pelos europeus, mas, o quanto decadente foi esse período, carregado de humilhações, dores, agressividades, maus tratos, desrespeitos e covardias que foram ações impostas pela cultura europeia com o intuito de subjugar os povos colonizados e através de sentimentos como medo que geram traumas e duram uma eternidade, imaginassem que não tinham mais forças para resistir e se libertar de tais atrocidades. Poder silenciar os povos colonizados através da dor e do medo, só mostra o tamanho da covardia utilizada para poderem usufruir do trabalho do colonizado sem pedir permissão e posteriormente, afirmar que quem estava sendo o oprimido era o colonizador, opressor. No tocante ao racismo, Kilomba afirma que:

A boca é um órgão muito especial. Ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo ela se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/os brancas/os querem e precisam controlar e, consequentemente, o órgão que historicamente tem sido severamente censurado. (Kilomba, 2019, p.33).

A máscara também tinha como principal função, calar as vozes. Pois, os brancos sabiam o quão fortalecido seria o povo entendendo o seu lugar de fala diante do seu grupo social e se expressasse. Justamente, nesse momento onde utilizam o silenciamento como estratégia para que o colonizado não tenha a mínima chance de defesa, que o colonizador elabora maldosamente seu discurso acusatório, criando fatos inverídicos e, “afirma algo sobre o/a outro/a se recusando a reconhecer em se próprio - que caracteriza o mecanismo de defesa do outro” (Kilomba, 2019, pg. 34). Ao ler o conto “Metamorfose” de Cristiane

Sobral pude perceber que a personagem Socorro ao evitar rodas de samba, cores que remetiam a cultura afro, também era uma forma de silenciar o seu corpo, impondo a máscara da opressão que Anastácia era obrigada a usar. Sobral (2016, p.03).

A ação opressora e covarde existente na elaboração de discursos inverídicos, tinha como intuito principal, não apenas caluniar a imagem dos colonizados e ao mesmo tempo enaltecer a do colonizador, mas, aproveitar aquele momento para saquear o que não lhes pertencia, emitindo o discurso sórdido que afirmava serem vítimas quando na verdade eram os vilões.

Diante disto, KILOMBA (2019, pg. 34-37), afirma que:

“No racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial: “Elas querem tomar o que é Nosso”. Por isso elas/es tem de ser .controladas/os.” A informação original e elementar- Estamos tomando o que é Deles/as “ – é marcada e projetada sobre a/o “Outro/a”- elas/eles estão tomando o que é Nosso/a – o sujeito negro torna-se então aquilo a que o sujeito negro não quer ser relacionado . Enquanto o sujeito negro se transforma em inimigo intrusivo , o branco torna-se a vítima comprassiva, ou seja, o opressor torna-se oprimido e oprimido torna-se tirano.” (KILOMBA 2019, pg. 34-37)

A discriminação racial não tem limites para querer invadir a todo custo territórios partícules como se lhes pertencessem, KILOMBA (2019, pg. 56), afirma que:

“A plebe está encerrada em seus corpos subordinados. Tal hierarquia introduz uma dinâmica na qual a negritude significa não somente “inferioridade”, mas também “estar fora do lugar” enquanto a branquitude significa “estar no lugar” e, portanto, “superioridade”. Dizem-me que estou fora do lugar, porque em sua fantasia eu não posso ser a rainha, mas apenas a plebeia. Ela parece estar preocupada com meu corpo como impróprio. No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem.”

Às vezes o corpo negro levanta uma série de dúvidas, pois, estará no espaço onde a maioria das pessoas de pele clara não esperam que ele esteja ou gostariam de estar e isso deve-se ao fato de o racismo estar enraizado na nossa sociedade, sempre afirmando que os/as negras/os não podem e não devem. Devido a isso, infelizmente o indivíduo pertencente ao corpo negro, terá na maioria das vezes que comprovar por meio de alguma documentação que não está naquele ambiente por acaso, mas, que tem o direito de estar lá, KILOMBA (2019, pg. 62):

“Você não é daqui, é? A biblioteca é apenas para estudantes universitárias/os!” Perplexa, parei. No meio de dezenas de pessoas brancas circulando “dentro” daquele enorme recinto, eu fui a única parada e verificada, na entrada. Como ela poderia saber se eu era “de lá” ou “de outro lugar”? Ao dizer “só para estudantes universitárias/os”, a funcionária da biblioteca estava me informando que o meu corpo não foi lido como um corpo acadêmico. As/os estudantes universitárias/os a quem ela estava se referindo eram as/os “outras/os” brancas/os na biblioteca. Nos seus olhos, elas e eles eram lidos como corpos acadêmicos, corpos “no lugar”, “em casa”, como mencionado anteriormente. Eu respondi mostrando-lhe a carta que, como um passaporte, faria de mim “um corpo no lugar”. O papel permitiria que eu entrasse em um espaço que minha pele não permitia, ou não tinha permissão para entrar. Aquí a negritude vem coincidir não apenas com o “fora”, mas também com a mobilidade. Estou imobilizada porque, como mulher negra, sou vista como “fora do lugar”.

Ao analisarmos o grau de mediocridades e perversidades ocasionadas pelo processo de colonização, como também pelo racismo, notaremos que um mal possibilitou a existência do outro. E com relação a máscara utilizada por Anastácia, Kilomba, (2019, p.33), percebemos que reflete o grau de atrocidade imposta pela cultura escravagista de silenciamento das pessoas pretas, em especial as mulheres, que a passos bem lentos caminham ocupando nesse sistema, um modo bem inferior, o direito e prestígio de fala. Diante de tais reflexões, a máscara remetia um meio de intimidar e no presente traz lembranças traumáticas por meio da altivez da envergadura das políticas de silenciamento. A respeito de tal máscara, Kilomba, (2019) a expõe como castigo que esconde segredos, inibe verdades e principalmente silencia os discursos que denunciam. Uma vez que a própria mordada remete a insegurança da branquitude com tudo que pode ser falado pelas vidas caladas pela truculência colonial.

.

2. AFIRMAÇÃO POSITIVA, RESISTÊNCIA E REPRESENTAÇÃO DOS OLHARES NEGROS.

2.1 A METAMORFOSE COMO AFIRMAÇÃO CRÍTICA DA NEGRITUDE

Assim que o Negro chega a Paris se submete a Metrópole no qual emerge um padrão de poder resultante da experiência moderna colonial. Pois, a Colonialidade é a forma dominante de controle de recursos, trabalho, capital e conhecimento limitado a uma relação de poder articulada pelo mercado capitalista, Pois, de acordo com Fanon:

O negro que entra na França muda porque, para ele, a metrópole representa o Tabernáculo; muda não apenas porque de lá vieram Montesquieu, Rousseau e Voltaire, mas porque é de lá que vêm os médicos, os chefes administrativos, os inúmeros pequenos potentados — desde o sargento-chefe “quinze anos de

serviço”, até o soldado-raso oriundo da vila de Panissières. Existe uma espécie de enfeitiçamento à distância, e aquele que parte por uma semana com destino à metrópole cria em torno de si um círculo mágico onde as palavras Paris, Marselha, La Sorbonne, Pigalle, são pedras fundamentais. Antes mesmo dele embarcar a amputação de seu ser vai desaparecendo, à medida em que o perfil do navio se torna mais nítido. Ele percebe sua potência, sua mutação, nos olhos daqueles que o acompanham: “Adeus madras, adeus tecidos leves de cores vivas (Fanon, 2008, p. 38)

A identidade negra é entendida como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar sujeitos pertencentes a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmo, a partir da relação com o outro e nesse processo com o outro, nasceu o desejo de trabalhar com os contos “Metamorfose” de Geni Guimarães e Cristiane Sobral. Uma vez que tais contos remetem a processos de metamorfoses diferentes.

A afirmação da identidade negra positiva é um processo que parte da conscientização sobre a realidade de discriminação racial sofrida por esse grupo e também, da identificação com a história do povo afro-brasileiro e de sua cultura.

A importância da representatividade negra ensina com as suas histórias de vida e luta como a coragem, o trabalho, a cultura e o respeito podem reduzir a desigualdade racial e tornar a nossa sociedade mais justa, pois, de acordo com hooks:

Uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores. Sem isso, como poderemos desafiar e convidar os aliados não negros e os amigos a ousar olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora? (Hooks, 2019, p.29).

A resistência negra era interpretada pelas autoridades coloniais como um ato criminoso, por isso, são altos os números de prisões, sobretudo de africanos. As principais ocorrências eram as desordens e a capoeira, com 49,6%, seguida do furto com 14,3%, na cidade do Rio de Janeiro.

A cultura afro tem parte fundamental na construção histórica das nações adeptas ao processo de colonização oriundas de países europeus. Muitos costumes existentes foram herdados dos negros, que precisavam usar seus conhecimentos para, literalmente, "se virar", em meio a situações precárias de moradia, alimentação, lazer, entre outros pontos essenciais. Hooks, (2019, p. 32): a respeito das representações estereotipadas da negritude, existentes em nossa sociedade afirma:

Há algum tempo, o desafio crítico para as pessoas negras tem sido expandir a discussão sobre raça e representação para além dos debates envolvendo bons e maus conjuntos de imagens. Em geral, o que é considerado bom é apenas uma reação contra as representações obviamente estereotipadas criadas por pessoas brancas. No entanto, atualmente somos bombardeados por imagens estereotipadas similares criadas por pessoas negras. Não é uma questão de “nós” e “eles”. A questão é de ponto de vista. A partir de qual perspectiva política nós sonhamos, olhamos, criamos e agimos? Para aqueles que ousam desejar de modo diferente, que procuram desviar o olhar das formas convencionais de ver a negritude e nossas identidades, a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas acerca do bom e do mau. Abrir espaço para imagens transgressoras, para a visão rebelde fora da lei, é essencial em qualquer esforço para criar um contexto para a transformação. E, se houve pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar perspectivas e modos de ver.(Hooks, 2019, p.32).

As pessoas negras passaram a vida toda negando sua negritude, pois temiam ser hostilizadas ou até mesmo julgadas por conta de suas características raciais e por isso preferiram na maioria das vezes aderir a tudo aquilo que pudesse ser parecido ou combinar com a cor branca que é a cor socialmente prestigiada. O cabelo black, crespo causa uma certa estranheza a aqueles que se acostumaram a utilizar produtos químicos para tentar esconder essa identidade que foi muita das vezes subestimada, agredida no ambiente de trabalho, escola, faculdade. No conto “*Metamorfose*”, podemos perceber essa preocupação com o cabelo na personagem Socorro, na obra de Sobral (2016, pg.03):

“Com uma ajeitada caprichada no “Bombril” ninguém poderia dizer que Socorro tinha sangue negro. Pelo menos era nisso que acreditava.” (Sobral, 2016, 03).”

Ou seja, as pessoas de pele negra passaram a maioria de seu tempo temendo serem representadas de acordo com a originalidade de sua raça e isso deve-se ao fato da memória traumática vinda do sistema colonial pelo qual, impuseram como meio de domínio e medo. Pois, Hooks, (2019, Pg. 40), a esse respeito diz:

A maioria das pessoas nessa sociedade não quer admitir abertamente que ódio e medo estão entre os primeiros sinais que a “negritude” evoca na imaginação pública dos brancos (e de todos os outros grupos que aprenderam que o jeito mais rápido de demonstrar concordância com a ordem supremacista branca é compartilhar suas suposições racistas). Em um contexto supremacista branco, “amar a negritude” raramente é uma postura política refletida no dia a dia. Quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora. Hooks, (2019, Pg. 40).

O racismo só será desaparelhado da sociedade, quando os cidadãos negros conseguirem enxergar positivamente a resistência e a representação dos olhares negros. Portando, como afirma Hooks (2019, p.53): “amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras”.

Nos contos “Metamorfose”, Cristiane Sobral (2016) e “Metamorfose” de Geni Guimarães (2001), busquei analisar a voz de resistência das personagens em ambos os contos. Porém, pude observar no conto de Geni Guimarães, o modo pelo qual a violência colonial conseguiu afetar o corpo e a mente da menina negra. O conto de Geni relata a epidemização do racismo. Já, no conto de Cristiane Sobral pude observar a violência que era ocasionado pelo processo de branqueamento em seu corpo, mas, que é quebrado pela metamorfose de aceitação de sua negritude e deste modo, romper com a visão subalternizada e enraizada do racismo que foi trazida pelo sujeito europeu.

Já a menina Geni não rompe ao perceber que a narrativa acerca da história da escravidão contada por sua avó Rosário é totalmente diferente do modo que é contada pela professora. Ou seja, a professora colocava o negro em sua história, no lugar de subalternização que é comum na narrativa oficial, contada pelo europeu. Isso a oprime e faz com que ela cometa violência contra seu próprio corpo. Já a jovem mulher negra, Socorro, se depara com o motorista, negro, chamado Jorge, que surge na narrativa e age quebrando toda a expectativa, através desse encontro, fazendo com que ela perceba as dificuldades do Motorista Jorge e o seu processo de ressignificação, a salva das mazelas de enbranquecimento, querendo ser parda ou morena e descobre o quão linda é a sua negritude.

2.2 REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

A representatividade negra é importante em nossa sociedade, pelo fato de poder promover inclusão, igualdade, diversidade e poder criar um impacto significativo na autoestima, na identidade e na autoaceitação das pessoas, permitindo que se sintam validadas e representadas. Pois acaba permitindo com que haja uma sociedade mais justa e equitativa. De acordo com Evaristo,

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física,

interditado em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil (Evaristo, 2019, p.02).

Há algum tempo, a representatividade negra na mídia e na literatura, muitas vezes, foi reduzida a estereótipos unidimensionais e caricaturas, marginalizando as experiências e identidade racial, onde eram simplistas emitindo a ideia de que os negros são limitados a papéis secundários, invariavelmente ligados à criminalidade ou pobreza. Recentemente, essas ideias representativas vêm sendo modificadas, hoje estamos contemplando personagens negros ganhando papéis importantes em novelas e filmes, onde protagonizam e não apenas antagonizam como acontecia anteriormente. Na literatura, Evaristo ressalta que:

Destacando a roupagem estereotípica com a qual os negros são vestidos em várias obras brasileiras, é possível ressaltar um imaginário construído em que o sujeito negro surge destituído do dom da linguagem. Uma afasia, um mutismo, uma impossibilidade de linguagem caracteriza muitas das personagens ficcionais negras, sob a pena de muitos autores (Evaristo, 2009, p. 22).

A literatura negra tem como principais receptores os leitores/as negros/as. Pois, é composta por obras cujas temáticas estão associadas a experiências de pessoas negras e afrodescendentes. Porém, EVARISTO afirma que:

Se, por um lado, tanto as elites letradas como o povo, dono de outras sabedorias, não revelem dificuldade alguma em reconhecer, e mesmo em distinguir, os referenciais negros em vários produtos culturais brasileiros, quando se trata do campo literário, cria-se um impasse que vai da dúvida à negação. Ninguém nega que o samba tem um forte componente negro, tanto na parte melodiosa como na dança, para se prender a um único exemplo. Qual seria, pois, o problema em reconhecer uma literatura, uma escrita afro-brasileira? A questão se localiza em pensar a interferência e o lugar dos afro-brasileiros na escrita literária brasileira? Seria o fazer literário algo reconhecível como sendo de pertença somente para determinados grupos ou sujeitos representativos desses grupos? Por que, na diversidade de produções que compõe a escrita brasileira, o difícil reconhecimento e mesmo a exclusão de textos e de autores(as) que pretendem afirmar seus pertencimentos, suas identificações étnicas em suas escritas? (Evaristo, 2009, p.19).

Após a colonização, sistema criado pelos europeus, ficou bem perceptível os inúmeros problemas raciais que foram ocasionados no Brasil, por conta do sistema colonial implantado no país. A literatura aparece de uma forma lenta e seus personagens no caso de serem negros/as aparecem muito mais como tema do que como voz autoral, com produções que retratam personagens a partir de pontos de vista que evidenciam estereótipos da estética branca dominante, eurocêntrica.

Somente no final da década de 60, com o fortalecimento dos movimentos sociais organizados por negros/as, que o cenário começa a ser modificado e por meio da literatura, personagens e autores retomam sua integridade enquanto seres humanos, rompendo o círculo vicioso do racismo, enraizado, na prática literária. Dentre esses autores/as podemos citar:

Geni Guimarães, professora de formação e autora de contos e poesias. Sua primeira obra de poemas intitulada, *Terceiro Filho* (1979), traz um forte apelo identitário e de denúncia social. Ingressou no grupo Quilombhoje e participou dos debates acerca da literatura negra, publicando posteriormente acerca dos cadernos negros nº 4, poemas que seguiram o mote das questões da afrodescendência e da auto-percepção. Participou ainda de algumas antologias críticas tendo publicado outras obras de poesia e o livro de contos, *A cor da ternura* de (1989), que recebeu o prêmio Jabuti e Adolfo Aisen.

Em sua prosa, o livro *Leite de Peito* (1989), reúne 11 contos autobiográficos que registram a vivência de uma família negra com suas alegrias, descobertas e dores, é possível encontrar na voz da narradora, elementos que resgatam uma história coletiva que retoma questões de silenciamento e apagamento das vozes afro-brasileiras.

Cristiane Sobral nasceu no Rio de Janeiro, mas, atualmente mora em Brasília, graduou-se em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília, sendo a primeira mulher negra a ter essa titulação. Poeta, atriz, dramaturga e contista. Sobral tem em seu curriculum uma vasta produção voltada ao reconhecimento e afirmação de suas raízes afro-brasileiras.

Em 2002, iniciou suas atividades literárias ao publicar em cadernos negros. De seu trabalho literário, as obras *Espelhos*, *Miradouras*, *Dialéticas da Percepção* (2011) e o *Tapete Voador* (2016), são coletâneas de contos em que há a presença de um narrador, que reconfigura as personagens retirando-lhes o peso dos estereótipos convencionados ao longo da história.

Geni Guimarães e Cristiane Sobral se inserem na luta contra o racismo, retratando não apenas suas vivências, mas, a vivência de seu grupo social (LIMA e MELO JR, 2015) denunciando as diversas situações degradantes às quais os indivíduos negros são expostos cotidianamente. Sendo assim, é possível afirmar nas vozes dessas narradoras, um meio para construir um discurso que se preocupa em evidenciar personagens que resistem ao discurso colonialista.

A produção feminina de Evaristo envolve personagens excluídas e marginalizadas da sociedade. Conceição Evaristo foi leitora assídua da produção da Carolina de Jesus na década de 60, pois se sentia representada como personagem nos relatos da escritora. Evaristo compartilha da angústia dessa escritora, já que ela e sua família passaram por situação semelhante na favela em Minas Gerais no período da sua infância e juventude. Sobre a produção de Carolina de Jesus, Conceição aponta que sua escrita rompeu com os paradigmas de escrita literária:

A representatividade negra na literatura tem como fator principal o fortalecimento da identidade dos grupos e também dos indivíduos integrantes desse grupo. Para Evaristo, na década de 60 era algo bastante relevante acompanhar o trabalho de Carolina de Jesus, uma vez, que a escritora se sentia representada, pela também escritora, pois, sua família muita das vezes passou por situações semelhantes, nas quais ela relatava em sua produção, afirmando (Evaristo, 2019):

“O que se torna interessante para discutir sobre a escrita de Carolina Maria é o desejo de escrever vivido por uma mulher negra e favelada”. O desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável. Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade. (Evaristo, 2019, p.28)

As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis (1974/2009, p. 77). Ou seja, A partir do momento em que o grupo branco contestava a humanidade da negritude, o colonizado passou, então, a questionar-se e a se enxergar como preso a uma ideia que foi colocada pelo europeu como símbolo de superioridade. Baseado nisso, podemos refletir a respeito da política de branqueamento que a sociedade europeia impôs aos africanos, como também, através dos contos “Metamorfoses”, é

perceptível que ao tomarmos uma posição com relação a nossa identidade, estamos de certa forma passando pelo processo de mudança.

Esse processo de mudança é relatado em ambos os contos. Uma vez que, ao ouvir o relato da professora, a menina Geni, se frustra com a história contada pela professora, na qual é diferente da história contada pela avó, durante toda a infância. E acaba se frustrando, por ser da raça negra, na qual no relato da professora é uma raça subalterna e comete violência contra ela mesma. Já no conto *Metamorfose* de Cristiane Sobral, essa mudança ocorre após Socorro ser confrontada durante a discussão com o motorista, percebe que o processo de embranquecimento, na qual ela utilizava para esconder sua negritude, já era uma violência contra ela mesma. Nesse momento, toma consciência de sua identidade, e entra no processo de ressignificação se aceitando como mulher negra e aceitando o príncipe motorista Jorge como o príncipe encantado que ela tanto esperava encontrar.

De acordo com Ciampa, (2009, p.1987)

A identidade, enquanto fenômeno social, expressa a luta pela sobrevivência humana na sociedade. O indivíduo adere a uma ordem social pela exteriorização linguística de sua atividade dentro de hábitos e práticas estabelecidas (Berger e Luckmann, 1974 *apud* Ciampa, 2009, p.1987)

Desse modo, Berger e Luckmann enfatizam, assim, que a realidade não é percebida pelos seres humanos de modo direto e não mediado, mas sim através das categorias de sentido oriundas de seu meio social. Em “*Metamorfose*” de Geni Guimarães, esse contato social sendo representado pela professora. Já em *Metamorfose* de Cristiane Sobral, vemos esse contato social sendo representado pelo motorista Jorge.

Nesse sentido, Ciampa (1987) entende identidade como metamorfose, ou seja, algo que está sempre em transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos.

A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem e enquanto fenômeno social refere-se às características atribuídas a um indivíduo pelos outros e serve como uma espécie de categorização realizada pelos demais com a finalidade de identificar o que uma pessoa em particular é. Como exemplo, podemos utilizar O desfecho dos contos em análise, também possui características do teatro, apresentando um final reflexivo para todos.

As atribuições da sociedade a Socorro são atribuições de subalterna, pois, enquanto

ela não quizer ser ouvida, nunca terá voz. Uma vez que Socorro se submete a estética branca para poder ser aceita pela sociedade, não percebe a tamanha violência na qual se submete. Já a atribuição dada pelo encontro com o homem do ônibus, ela escuta do motorista: “Fala negrona”. “Fez a progressiva né?”. Cuidado com essa progressiva. Isso é a maior regressão na vida de um ser humano! (SOBRAL 2016, p.92). Na voz do homem negro, Socorro estaria regredindo, por ter se rendido ao processo químico que geralmente era um símbolo dominante de processo de embranquecimento. Ao ser confrontada, Socorro se mostra sensibilizada e começa a fazer novas escolhas. Diante disto pega uma tesoura e começa a cortar seus cabelos se desfazendo do processo químico no qual estava acostumada e derrepente renasce uma mulher negra e linda, que dormia por baixo da máscara branca.

“Os dois beijaram-se como num apaixonado beijo de cinema. Último close que todo mundo viu. O pessoal na rua e no ônibus aplaudiu e pediu bis. Todo mundo começou a se beijar no ônibus e no meio do asfalto. e por fim o cobrador de ônibus que assistia a tudo não ficou de fora da alegria e seu sonho de dirigir um ônibus foi realizado já que Jorge seguiu com Socorro e por fim o cobrador de ônibus que assistia a tudo não ficou de fora da alegria e seu sonho de dirigir um ônibus foi realizado já que Jorge seguiu com Socorro.” (SOBRAL, 2016, p. 93).

Para Berger e Lckmann (1974/2009), “as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a” (p. 221). Os contos *Metamorfose de Guimarães* e *Metamorfose de Sobral* remete a isto quando mostra os processos distintos.

Ciampa trabalhou, em “A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social” (1987/2005), nesse trabalho pode observar que a identidade não é permanente e sim, é algo que muda. Ou seja, a identidade é metamorfose e metamorfose é vida. (1987/2005, p. 133).

Ciampa (1987, p.52), reconhece a identidade como uma via de crítica sobre a produção e a manutenção da realidade social nas relações dos indivíduos com a sociedade, seja pela adoção individual de uma cultura socialmente legitimada ou mesmo pelas viabilidades de transformação da própria estrutura social.

Nas acepções de Berger e Luckmann (2009,p. 74), a identidade, enquanto fenômeno social, expressa a luta pela sobrevivência humana na sociedade. O indivíduo adere a uma ordem social pela exteriorização linguística de sua atividade dentro de hábitos e práticas

estabelecidas. Na estrutura social, as práticas individuais ganham objetividade à medida que se adequam aos scripts do universo simbólico das instituições.

As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis (1974/2009, p. 77).

Ao trabalhar, *Metamorfose de Geni Guimarães*, e *Metamorfose de Cristiane Sobral* entendi que por meio dos personagens há ao mesmo tempo uma pluralidade, como também uma singularidade que rompem com a narrativa hegemônica.

A menina Geni, após ouvir o relato da professora sobre a escravidão, tem um abalo emocional, pois, nessa versão colocava os negros no lugar de subalternos e se sente aprisionada ao discurso. Já a jovem mulher negra, Socorro, assimilava o discurso dominante por meio da aceitação da estética branca, mas, isso é rompido após Socorro encontrar-se com Jorge e ser confrontada e desse modo, através desse ato de rompimento ocorre a sua emancipação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao depararmos com as narrativas das autoras, buscando através das literaturas romper barreiras no processo de descolonização de mentes, como também insubordinação de corpos, entendemos que tais personagens conseguem ganhar voz através do processo literário, superando assim, o discurso do colonizador

Durante este trabalho tive a satisfação de olhar para mim e mergulhar nesse universo de resistência contra as mazelas e barreiras que são impostas pelo racismo.

Observando como se constitui a sociedade, materializo neste trabalho os elementos de minha trajetória que foram relevantes no meu processo de descoberta da originalidade de minha negritude.

A análise crítica do texto literário de Sobral (2016) e Geni Guimarães (2021) fez com que eu navegasse no universo vasto que é a literatura negro-brasileira e sua beleza estética e temática e desse modo pudesse refletir a respeito de sua importância na luta contra o racismo e possibilitando nesse processo de mudança social que são as metamorfoses após haver o reconhecimento do que cada indivíduo é.

Minha identificação com a personagem Socorro implicou no desejo de reverberar identificações de outras pessoas com o texto literário, pessoas que muitas das vezes são obrigadas a se manter aprisionadas por rótulos sociais que não pertence a sua vivência, mas, que ainda carregam essa bagagem trazida da cultura imperialista por não saber se questionar diante da sociedade.

Ao analisar dos dois contos, tanto “Metamorfose” de Geni Guimarães, quanto “Metamorfose” de Cristiane Sobral, pude perceber que nos contos havia ao mesmo tempo uma pluralidade, como também uma singularidade com processos metamórficos diferentes.

A menina Geni, não assimilava o discurso dominante, ao ouvir o relato da professora sobre a escravidão, mas, tem um abalo emocional e se aprisiona, pois, nessa versão que não era a que a menina costumava ouvir, colocava os negros no lugar de subalternos. Já a jovem mulher negra, Socorro, assimilava o discurso dominante por meio da aceitação da estética branca, mas, isso é rompido após Socorro encontrar-se com Jorge e ser confrontada e diante desse rompimento acontece a emancipação de Socorro como uma mulher negra.

REFERÊNCIAS

BERGER, P & LUCKMANN, T (1994). *A construção social da realidade*: tratado de sociologia do conhecimento (11ª ed). Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.

CIAMPA, A. C. (2009). *A Estória do Severino e a História da Severina*: um ensaio de Psicologia Social (11ª ed). São Paulo Brasiliense. (Originalmente publicada em 1987).

EVARISTO, C. *Escrevivências da Afro-Brasilidade*: História e Memória. Revista Texturaafro, Editora Lê, 1992.

EVARISTO, C. *Literatura negra*: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FANON, F.. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008.

GUIMARÃES, G. “*Metamorfose*” In: Leite do peito- Contos. São Paulo: Mazza Edições, 2001.

HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação* / bell hooks; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

FILHO, J. A et al. *Metamorfoses no projeto de Antonio da Costa Ciampa*: da proposta analítica a uma teoria de identidade. Psic. Rev. São Paulo, volume 29, n. 2, 285-309, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

SIMAS, Luis. *Umbandas: Uma história do Brasil*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2021 -Revista Memória em Rede, Pelotas, v.13, n.24, Jan/Jul.2021.

SOBRAL, Cristiane. *O tapete voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

TRIVINOS, A. Atlas. *Introdução a pesquisa em Ciências Sociais*, A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Editora Atlas. S/A, 1987.